

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

Delegado em Lisboa: EMÍLIO VALONGO Tel. 45457

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA MINISTRO DUARTE PACHECO, 9

TELEFONE 59—VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SCORRO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NO CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE

MOEDAS DE PRATA PARA COMEMORAR O CENTENÁRIO DO INFANTE D. HENRIQUE

O ano jubilar do Infante D. Henrique inicia-se com a entrada em circulação, no dia primeiro de Janeiro de 1960, de novas moedas de prata no valor facial de dez escudos, cinco escudos e dois escudos e cinquenta centavos, em que figurarão no verso a efigie do Infante, acompanhada da designação «V Centenário da Morte do Infante D. Henrique» e da data «1960», e no reverso as armas e a divisa do Príncipe Navegador.

É JUSTO QUE SE RECORDEM OS NAVEGADORES, QUE DOS AÇORES FORAM DESCOBRIR MUNDO

OS Açores, ou melhor a Ilha Terceira, conforme escreveu na sua «História da Navegação» o holandês Linschoten, foram «universal escala do mar poente por todo o mundo celebrados».

A história o diz, tal como relativamente à actualidade virá a dizer quando à era da aviação, uma vez que os Açores são o poiso dos aviões que cruzam o Atlântico em pleno XX.

O arquipélago açoreano está ligado à epopeia das Navegações. Da Terceira partiram do último quartel do século XV os homens que devassaram os mares para, um dia, chegarem à costa americana, descobrindo o Lavrador, fundando a primeira colónia branca em Fall River.

João Fernandes Lavra-

dor, os Corte Reais, João A'lvoro Fagundes, A'lvoro Martins Homem, Fernão Dulmo e outros estabeleceram-se efectivamente na Terceira, de onde partiram para descobrir novas terras. De lá se fizeram ao mar, no mesmo espírito que animou o Infante D. Henrique. De lá se meteram em pequenos barcos, antes, sem dúvida de Colombo haver em-

(Conclui na 4.ª página)

TEMPERATURAS

Uma vaga de frio e neve assola o País. Nós também sentimos o frio.

Mas confrontem as temperaturas das várias regiões com as que a nossa provincia acusa e verão como as dela são sempre de bastantes graus positivos.

E todavia muita gente procura o estrangeiro e volta as costas ao que de belo e agradável tem em casa.

Verdadeiro poema vivo de graça e de ternura, a mulher algarvia resume, no seu olhar profundo e misterioso, onde se vislumbram atávicas reminiscências árabes, toda a beleza luxuriante deste miradouro sobre a imensidade do oceano, que se estende desde as águas mansas do Guadiana às aus-teras falésias de Sagres e S. Vicente.



ATRAVÉS DO PASSADO

FIGURAS AMIGAS

NAS literaturas que falei no meu artigo anterior, esqueceu-me de uma senhora de quem fui amigo sincero, não desta sinceridade convencional que

POR MARGOS ALGARVE

Max Nordan reprova enérgicamente. Tive ocasião de a ouvir com serenidade e uma intuitiva compreensão do seu temperamento, cultura e ideal.

O seu nome: Maria O'Neill, poetisa, romancista e oradora, descendente de uma nobre família irlandesa que se instalou em Portugal há já dois séculos.

(Conclui na 4.ª página)

O ALGARVE É SEMPRE BELO SEJA QUAL FÔR A ÉPOCA DO ANO EM QUE SE PROCURE VISITÁ-LO

QUE Portugal tem condições para ser um país de turismo ninguém de boa fé o negará. O seu melhor cartaz de propaganda é a doçura do seu clima, a suave beleza das suas paisagens, a urbanidade da sua boa gente.

Ultimamente alguma coisa se tem feito no sentido, de se conseguir que o seu nome seja inscrito na rota dos turistas internacionais e que estes o procurem com vontade de se demorar e até de o tornar a ver em novas e demoradas visitas.

O Estoril, neste último Carnaval lançou-se denodadamente à

conquista do seu lugar entre os procurados e eleitos por aqueles que querem e podem gozar as delícias da existência e que querem até descançar das fadigas que ela produz.

Fê-lo com galhardia e com sumptuosidade.

Benefícios certamente recolherá e que aproveitarão também, de um modo geral ao País.

E o Algarve o que tem feito e o que tem feito por ele? A beleza do Algarve não é só aquela que se explica pela lenda da princesa nostálgica da neve da sua terra natal e que o seu príncipe enamorado criou aqui com a plantação de amendoeiras florindo no inverno, tapando o chão

com um manto de imaculada alvura.

O Algarve é sempre belo seja qual for a época do ano em que se procure.

Ao fundo a serra ativa pedindo arborização, no centro um jardim que é uma horta e uma horta que é um jardim, e prestando seu preito de homenagem a tanta beleza do mar imenso e azul, adormecido com a mornidão do Sol, espreguiçando-se pelos areais de toda a costa e murmurando segredos de amor pelos recortes e abobadas rendilhadas das penedias.

Mas parece que tudo está de costas para o Algarve:—Sagres

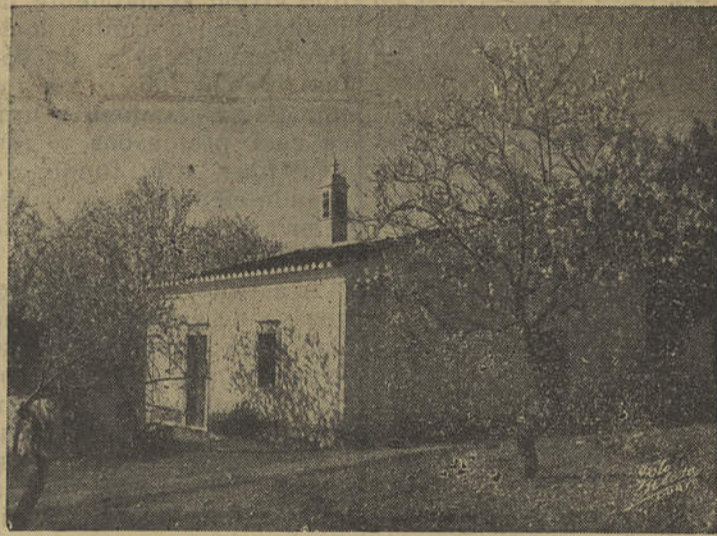
(Conclui na 4.ª página)

ACTIVIDADE PISCATÓRIA EM PORTUGAL

Acaba de ser tornado público o Relatório da direcção do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, referindo-se às actividades decorridas em 1958.

Os números estatísticos apresentados, são bem iludativos do movimento piscatório do nosso País durante o transacto ano.

Segundo o Relatório, a pesca atingiu 202.729 toneladas, no valor de 439.960\$00, sendo de notar que a safra da sardinha ultrapassou no ano findo, em 53.000 toneladas a média dos últimos 17 anos.



A ENTREVISTA DA SEMANA

SOLICITADA PELO MUSEU DE S. FRANCISCO, A ARTE MODERNA PORTUGUESA VAI SER APRESENTADA NOS ESTADOS UNIDOS PELA OBRA DE QUINZE ARTISTAS

NA IV Bienal de Arte Moderna de S. Paulo, a representação portuguesa tornou-se tão notada e suscitou tamanho interesse que o Museu de San Francisco, seguro promotor da cultura artística nos Estados Unidos e que disputa ao Museu de Arte Moderna de Nova York uma posição de vanguarda, considerou útil obter a participação da Arte Moderna Portuguesa nos seus salões, pondo uma condição e ao mesmo tempo abrindo uma perspectiva — a saber: ser essa presença firmada por arte de «avant-garde» e admitir-se a

possibilidade de transformar em itinerante, ao longo dos Estados Unidos, a exposição portuguesa. Por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o convite foi formulado pela di-

POR JOÃO AFONSO

rectora do Museu e é, agora, por determinação da Presidência do Conselho — uma vez aceite o convite — que o Secretariado Nacional da Informação está a organizar a exposição.

O Secretário Nacional, dr. César Moreira Baptista, incluindo-a no plano da actividade artística que está nas funções do SNI, tem presentemente a preparar a representação portuguesa, nos seus diversos aspectos, o dr. Francisco Avelaz e o crítico de Arte, Selléas Paes.

Ora o que vai ser o certame diz-nos Selléas Paes.

— Pintura, desenho e gravura de dezasseis artistas escolhidos entre os de obra mais representativa e de mais limpo significado comporão a exposição, na qual não será possível incluir mais do que 80 trabalhos.

— Número suficiente?

— Apenas um conjunto limita-

do ao que foi imposto pela directora do Museu. Em todo o caso, para um grupo de 16, a grande maioria dos quais rapazes entre os vinte e os trinta anos e alguns deles agora chegados às galerias públicas, oitenta obras formarão colecção já expressiva.

— Quais os artistas seleccionados?

— Nuno de Siqueira, René Ber-

(Conclui na 4.ª página)

PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO

OS BAILES DE PARIS

TEM-SE a imprensa referido, ainda que fugidamente, porque ao nosso País se não refere, aos chamados *bailes* cor de rosa descobertos em Paris e que tanta fama e tanto prestígio têm trazido à alta burguesia francesa.

Senhores bem instalados na vida, mas já no estado de senilidade onde os prazeres da existência

PERDIDO NOS PIRINÉUS

UM PORTUGUÊS ERROU SEM DESTINO DURANTE 7 DIAS E 7 NOITES, COMENDO ERVAS E RAÍZES

Sob uma tempestade de neve, perdeu-se nos Pirinéus a 1.000 metros de altitude o ervanário português António Nogueira, de 71 anos de idade.

Durante 7 dias e 7 noites, errou sem destino, alimentando-se de ervas e raízes e pondo na boca, para mitigar a sede, pedaços de gelo.

«Estou melhor do que nunca», disse o ervanário português aos que o encontraram. Enquanto errava pelas montanhas, escalou picos que só os alpinistas mais experimentados se atrevem a subir.

PARA OS NORTE-AMERICANOS QUE NÃO VIERAM AO CARNAVAL DO ESTORIL

UM FILME EM QUE 50 MILHÕES DE TELESPECTADORES PODERÃO VER O QUE SE PASSOU NO CARNAVAL E AINDA PAISAGENS E CIDADES PORTUGUESAS

NEM todo o Mundo veio este ano ao Estoril, para ver e participar do Carnaval Internacional e conhecer com os seus próprios olhos Portugal, um «velho país novinho em folha».

Dentro as celebridades que vieram a Portugal, conta-se o nome conhecido de Ed Sullivan, o mago da Televisão americana, que acompanhado de uma vintena de colaboradores, se deslocou a Portugal não propriamente para se divertir, mas para garantir a 50 milhões de norte-americanos um programa de Televisão que, com a duração de uma hora, apresentará em 22 de Março, das 20 às 21 horas — quando o povo dos Esta-

dos Unidos está reunido à mesa para jantar os mais feéricos aspectos do que foi o Carnaval do Estoril, assim como algumas das mais belas paisagens portuguesas, bem como cidades e vilas e, por certo também, o castiço fado.

Igualmente estiveram em Portugal, instalados num dos mais luxuosos Hotéis do Estoril, dezenas de jornalistas americanos, dos jornais: «Daily Herald», «Daily Mirror», «News Chronicle», «Daily Mail» e «Daily Sketch», com o fim de relatarem para os seus jornais o que foi o grande Carnaval Internacional do Estoril.

são já uma saudade ou uma reminiscência, concertavam os referidos bailes e arrebanhavam para eles meninas púberes de 14 e 15 anos que para regalo e excitação dos mesmos senhores bailavam nuas.

Não me admiro nada de que isto assim aconteça.

O que sabem os pais de seus filhos, e especialmente, de suas filhas?

E aqui me reporto ao caso português, ao que vejo e observo, porque do estrangeiro só sei o que as tubas da imprensa me querem comunicar.

As espirais da vida giram de cada vez mais vertiginosas e sufocantes e de cada vez impondão mais esmagadoras necessidades. O pai tem de vir para a rua, e mais ou menos sempre o fez, angariar os meios de prover às suas necessidades e às dos que estão sob sua directa responsabilidade. Mas para isso tem de aproveitar todos os momentos. O tempo dedicado às refeições é a fugir e o

(Conclui na 4.ª página)

1885 — 1958



FINE MACIEIRA

SÍMBOLO DA MAIS ALTA QUALIDADE

Rua Ivens, 45-47 — LISBOA

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta, distinto clínico em Lisboa.

De visita a sua família esteve nesta vila, durante o Carnaval, a nossa prezada assinante nas Amoreiras, sr.ª prof. D. Iliete Medeiros Salvador.

Durante alguns dias esteve nesta vila, tendo já regressado a Lisboa o nosso prezado amigo sr. Francisco Salvador Salas.

Regressou a Lisboa, onde vai continuar os tratamentos médicos, a que já esteve sujeito, o nosso prezado amigo e assinante sr. Júlio Mendes.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Silvestre Branco.

DESPORTO

CAMPEONATO DISTRIITAL DE RESERVAS

Resultado do jogo efectuado na terça-feira:

Portimonense, 6

Lusitano, 1

O jogo Silves-Olhansense não se realizou, por comum acordo, por motivo do mau estado do terreno, tendo lugar em data a marcar oportunamente.

CAMPEONATO DE JUNIORES

Resultado do jogo efectuado no domingo:

Olhansense, 2 - Farense, 1

Sérgio Pascoa em França

O Algarvio Sérgio Pascoa, que se encontra no estágio de ciclismo de Norbonne-Plage (França) distinguiu-se numa corrida de "rotos", disputada em Coursau. Depois de vencer as várias eliminatórias, foi finalista e vencedor da corrida de perseguição, entusiasmando a assistência com a vivacidade das suas actuações.

Já viu neve em clima temperado?

Visite o Algarve com os amendoais floridos.

A ASTROLOGIA SUPERSTIÇÃO MILENÁRIA

OS romanos, os angures liam o futuro no vô das aves. Outros lêem-no nas borras de café e outros ainda recorrem às estrelas para desvendar o que a vida lhes reserva.

Estes últimos, os astrólogos, são decerto os mais numerosos, pois cálculos prudentes fixam em mais de 35 mil o número dos que vivem actualmente na França. Só a confraria de Paris encarrega-se de dar mais de cem mil conselhos por dia. E' também a única com pretensões a reivindicar um fundo de pseudo-ciência e a poder referir-se a um passado milenário.

Por SERGE MOUND

logos, são decerto os mais numerosos, pois cálculos prudentes fixam em mais de 35 mil o número dos que vivem actualmente na França. Só a confraria de Paris encarrega-se de dar mais de cem mil conselhos por dia. E' também a única com pretensões a reivindicar um fundo de pseudo-ciência e a poder referir-se a um passado milenário.

A astrologia, com efeito, gozava de grande favor na Babilónia e muito cedo se expandiu por todo o oriente. Convém assinalar, em abono dos que a praticavam, que foi graças à astrologia, em parte, que a Astronomia — a verdadeira ciência dos astros — se pôde desenvolver, mesmo em tempos muito recuados.

Vejamos, porém, qual é a tese dos astrológos, antigos e actuais. A crer-se no que afirmam, a vida de um homem é determinada pela posição dos astros no momento em que nasceu. Quer dizer que estabelecem um horóscopo e procuram determinar, a partir dele, as situações futuras em que esse homem se achará.

Há uns bons milhares de anos que nasceu o processo, numa época em que o homem podia ainda crer que a Terra constituía o centro do Universo e que os astros, em especial os planetas, giram em torno dela. Os primitivos estabeleceram então certas correlações entre os movimen-

CINE-FOZ

Hoje, apresenta o grandioso filme em Cinemascope IRENE E O MORDOMO, com June Allyson e David Niven.

A comédia das mil gargalhadas. (Para 17 anos)

Quinta-feira, O HOMEM DE PALHA, com Pietro Germi.

(Para 17 anos)

tos dos astros visíveis e certos fenómenos naturais observavam à sua volta, tais como as monções, a obscuridade, o frio, o calor. Daí a concluir que o homem dependia, quanto ao seu destino, do movimento dos astros não havia mais do que um passo, que se franqueou de espirito leve.

Para explicarem os horóscopos fundam-se em elementos deveras pueris. Por exemplo, consideram o planeta Marte, por causa da sua cor avermelhada, como sendo o elemento de fogo, de sangue, de guerra. Se Marte domina sobre um horóscopo, daí concluirão que o homem em questão terá dificuldades, haverá sangue na sua história...

Sob o ponto de vista científico, a astrologia nada apresenta como prova válida da sua autenticidade. As radiações provenientes dos planetas, que suportamos na Terra, são ínfimas em comparação com as que nos são enviadas por não importa que objecto metálico ou outro qualquer sobre a própria Terra. Evidentemente, abrimos excepção para o Sol, que é a fonte de toda a nossa energia. Mas basear todos os horóscopos exclusivamente sobre a posição do Sol equivaleria a criar aborrecidas confusões — aborrecidas para os astrólogos, entenda-se.

E' certo que há uma boa vintena de anos, um médico francês, o dr. Couderc, realizou interessante experiência, sobre a inteligência humana — ou antes: sobre a estupidez das pessoas. O dr. Couderc enviou a mais de mil pessoas um horóscopo idêntico. Mais de duzentos responderam-lhe, maravilhadamente — diziam — com a exactidão das predições e dos pormenores que lhes diziam respeito. Portanto, cada um pode encontrar-se em qualquer horóscopo, com um pouco de boa vontade e bastante ingenuidade, pois são redigidos geralmente em termos tão vagos que podem referir-se quase que a qualquer pessoa.

Entretanto, devemos salientar que os astrólogos nunca souberam prever o futuro em termos de precisão mais próximos do que os dados pelo simples cálculo das probabilidades. Por exemplo, se, na véspera de um nascimento, um prognostica um rapaz e outro uma menina, qualquer deles tem sempre cinquenta por cento de probabilidades de acertar. No entanto, hesitaríamos em atribuir-lhe qualquer ciência do futuro.

Serge Mound

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República — Telefone 12

A GELEIA REAL EM PEDIATRIA ENSAIOS CLÍNICOS

Pelos Professores PROSPERI e RAGGAZINI

NUM primeiro Congresso em Bolonha em Abril de 1956, de colaboração com o Dr. Laneia, os Professores Prospéri e Raggazini tinham apresentado já uma primeira estatística de 10 crianças tratadas com sucesso pela Geleia Real. Tratava-se de crianças apresentando um estado de nutrição mais ou menos grave, devido a perturbação digestivas ou a infecções. No mesmo Congresso, Quadri sublinha os resultados favoráveis igualmente obtidos em diferentes estados de desnutrição da infância, enquanto que Malossi insiste sobre o aumento progressivo do peso de 10 prematuros, obtido pelo mesmo tratamento.

Retomando este mesmo assunto, no XVI Congresso Internacional de Apicultura em Viena (10-18 de Agosto de 1956), Prospéri e Raggazini expõem uma estatística mais extensa com base em 42 crianças, que classificam em 2 grupos:

1.º Um primeiro grupo compreendendo 8 recém-

nascidos prematuros hospitalizados nas duas horas consecutivas ao seu nascimento;

2.º Um segundo grupo de 34 crianças hospitalizadas com a idade de 2 meses a 7 anos;

Estes dois grupos de crianças foram tratados pela Geleia Real.

Antes de abordar os resultados obtidos nestas crianças, parece-nos útil fazer, com os autores, uma breve apreciação sobre a composição e as propriedades da G. R.

Composição Química da Geleia Real

Apresenta-se sobre a forma de um gelo protídico inteiramente concentrado, compreendendo uma quantidade variável de água de 24 a 70%, de reacção completamente ácida (pH de 3,5 a 4,5).

Segundo os autores, a quantidade dos protídicos varia de 12 a 81%, dos lipídicos de 4,9 a 23%, e dos glucídicos de 8,5 a 16%. Por outro lado, a dosagem dos protídicos revela a presença de quantidades importantes dos diversos amino-ácidos.

Digamos desde já que os amino-ácidos trazem elementos importantes ao equilíbrio alimentar; a sua carência nos regimes ocasiona uma anemia grave. As suas indicações são particularmente úteis nas convalescenças, astenia, interrupções de crescimento.

A pesquisa das vitaminas na Geleia Real põe em evidência a sua riqueza em vitaminas do grupo B, mas em contrapartida a ausência das vitaminas A, D e E, e apenas vestígios da vitamina C.

No grupo das vitaminas B, além do inositol, é preciso dar um lugar aparte ao ácido pantoténico particularmente abundante na G. R. e que lhe dá em grande parte o seu valor.

O ácido pantoténico contido na G. R. varia de 65 a 200 por grama de substância (Prospéri e Raggazini) ao passo que segundo Gaillasson (1955) variaria de 180 a 240.

Notemos que o ácido pantoténico foi estudado particularmente, entre outros, por Williamson (de 1931 a 1940). Este autor demonstra que ele é um derivado de um ácido aminado. E' indispensável à vida dos tecidos, à regeneração dos epitélios e, além disso, possui uma acção anti-infecciosa.

E' assim que nos casos de desnutrição rigorosa, se observa uma baixa muito importante nas percentagens urinárias e sanguíneas do ácido pantoténico.

Das suas propriedades resultam diversas indicações, entre as quais se pode citar:

— diferentes afeções cutâneas;

— aplicações em cirurgia (cicatrização das feridas post-operatórias);

— diversas perturbações digestivas (colites, hepatites infecciosas, efeitos de icterícia);

— afeções respiratórias (rinites, faringites, traqueites, bronquites).

Continua no próximo número

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 6 a 12 de Fevereiro

Entrados:

MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.
REMEK, Italiano, de 487 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
RIMBERG, Alemão, de 1.212 ton., de Sevilha, vazio.
ZE' MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
NANCIE S, Dinamarquês, de 500 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
MARIA CHRISTINA, Português, de 549 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

ZE' MANEL e MARIA CHRISTINA, ambos com minério, para Lisboa.
GRANDSON, com conservas, para Génova e Livorno.
MADEIRENSE, com sal, para Funchal.
NANCIE S, com cortiça, amêndoas e conservas, para Marselha e Génova.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 14 a 20 de Fevereiro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

Conheceu a lenda da Princesa que se finava de saudades pela neve da sua terra natal?

Visite agora o Algarve em flôr.



Joaquim Manuel Baltazar

Na sua residência nesta vila, faleceu o sr. Joaquim Manuel Baltazar, de 71 anos de idade, natural de S. Sebastião dos Carros, freguesia de Mértola.

O extinto que deixa viúva a sr.ª D. Bárbara Martins Carrasco, era pai das srs.ªs D. Maria Martins Baltazar e D. Idalina Carrasco Baltazar, irmão do sr. Diamantino M. Baltazar, cunhado da sr.ª D. Maria Duarte Baltazar e tio dos srs. dr. Diamantino Duarte Baltazar e do sr. Eurico Duarte Baltazar, Oficial do Exército.

Jacques Pulicani

Em Mazargas, Marselha, faleceu o sr. Jacques Pulicani, de 83 anos de idade.

O finado era tio do nosso prezado assinante naquela cidade francesa, sr. Paul Pulicani, esposo da sr.ª D. Parreira Pulicani.

Damião Rufino

No sítio das Hortas, nesta vila, faleceu no passado dia 8 do corrente, o sr. Damião Rufino, viúvo, de 82 anos de idade, natural de Castro Marim.

O falecido era pai da sr.ª D. Rita Rufino dos Santos, do sr. Manuel Rufino e do nosso prezado assinante sr. José Custódio Rufino.

As famílias enlutadas, o «Notícias do Algarve» apresenta os seus sentidos pésames.

Herniados

«BRAUBURGER» é a CINTA ALEMÁ que contém radicalmente todas as HERNIAS. «BRAUBURGER» é garantida com assistência técnica gratuita pelo INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS. Largo do Mastro, 29 Lisboa Telefone 5 39 54

Surdos

Novos Modelos de aparelhos, novos modelos de ÓCULOS para ouvir, novos preços ao alcance de todos. Na defesa dos vossos interesses consultem o INSTITUTO HERNIÁRIO PORTUGUÊS Largo do Mastro, 29 — LISBOA

motores marítimos diesel



MERCEDES-BENZ

ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:

OM 636	34 H.P. - 2.000 R.P.M.
202 B	55 H.P. - 1.200 R.P.M.
203 B	90 H.P. - 1.200 R.P.M.
204 B	120 H.P. - 1.200 R.P.M.
MB 946	225 H.P. - 1.500 R.P.M.

REPRESENTANTES C. SANTOS LAD. LISBOA - COIMBRA - PORTO VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C. Vila Nova de Gaia

Mobiliá de CASA DE JANTAR

Vende-se em estado de nova

Informa-se na Rua Vasco da Gama, n.º 4-1.º Esq. — Vila Real de Santo António.

VIDA DESPORTIVA

FUTEBOL

VIDA DESPORTIVA



Campeonato Nacional da II Divisão

Portimonense, 1 - Olanhense, 0

Jogando em casa e tal como mais lhes convinha, os portimonenses começaram a partida ao ataque, toada que, aliás, se verificou durante os 90 minutos e muito em especial no segundo tempo. Para isso diga-se desde já, que a muita vontade dos locais permitiu-lhes ganhar a maioria dos lances pela sua rapidez e antecipação, em flagrante contraste com o jogo oposto pelos olhanenses — é bem certo que com melhor equilíbrio do seu conjunto — ou da falta de «garra» dos seus homens da frente e a muita lentidão de quase todos eles andarem de mãos dadas.

Isto não impediu, no entanto, que os olhanenses tivessem ficado pertencendo, na primeira parte, as duas verdadeiras jogadas criadas com a sensação de golo, o que se observou no curto espaço de qua-

tro minutos, entre os 25 e os 30, qualquer delas a merecem, de facto, o melhor êxito: a primeira um pontapé de Nuno ao poste para, na recarga, Parra disparar sem preparação, a que se opôs Daniel com uma defesa para canto; a segunda, numa série de passes entre Angelo e Nuno, a deixarem pregados no terreno os defesas contrários, finalizada com um magnífico remate do n.º 8 a roçar a barra, já com o guarda-linha batido.

Os locais dispuseram depois, de uma boa oportunidade, quando de uma descida de Grilo pela esquerda, a terminar com um bom centro e que Romão, elevando-se bem, fez o esférico, saindo da sua cabeça, passar sobre a barra. Quer dizer: jogando mais tempo no campo defensivo pelos seus adversários, os portimonenses não souberam criar, até ao intervalo, jogo ofensivo tão bem ligado e tão bem urdido como

o dos olhanenses, não obstante o futebol destes ter sido menos vivo e menos rápido e até mesmo menos espalhafatoso.

Depois do descanso, viu-se claramente o propósito firme do grupo da casa: o desejo de ganhar o desafio e, daí, a pressão territorial dos portimonenses aparecer mais do que de cimo. De resto, não foi difícil aos locais tomarem esse ascendente, porquanto se, já na primeira parte isto sucedera, na segunda mais se fortificou o facto de Cava não cumprir com eficiência a função de «amador» de jogo da sua equipa e ainda porque os dois médios valentes andaram quase sempre afastados dos homens da frente, permitindo, assim, que viesse a pertencer a José António e aos dois médios contrários acção preponderante da sua turma em constante labor com os restantes avançados, enquanto do lado dos olhanenses um ou outro rasgo individual de Angelo — verdadeiramente o único dianteiro com que os defensores contrários tinham que contar — não chegava para criar embaraços à defesa da casa.

Farense, 7 - Sacavenense, 0

Pelo comportamento das duas equipas e táticas adoptadas e apesar da superioridade dos algarvios, os golos tardaram em aparecer.

Todavia, uma vez aberto o «score», não foi difícil aos locais somar e seguir.

Não foi o Sacavenense uma turma de antemão batida. Pele contrário. Os visitantes deram sempre réplica e adoptando o sistema de contra-ataques puseram várias vezes a defesa da casa em apuros. Contudo, na hora de remate, estes não apaceram, e, desta forma, o trabalho de Mário foi praticamente nulo.

Os donos do terreno, senhores de boa ligação entre todos os sectores, estiveram quase sempre ao ataque, encontrando, contudo, em especial no primeiro tempo, sérias dificuldades em levar a melhor no despique com a defesa visitante.

Jogando com os médios recuados, os sacavenenses tiveram sempre cinco homens da defesa. Isto, sem dúvida, partiu a equipa, que serviu na necessidade de explorar os passes em profundidade, aproveitando a velocidade dos homens do ataque, o que nem por isso teve resultados práticos.

Em contrapartido, o Farense lançou-se em futebol variado, com os seus atacantes em desmarcações constantes, de maneira que explorassem os espaços vazios e lançamentos pelos extremos.

Depois do intervalo, a superioridade dos locais tornou-se mais evidente e à medida que o tempo decorria as facilidades tornavam-se também maiores, como a obtenção dos cinco golos confirma. Não surpreende, pois, que ao soar o apito final, o «score» registasse numeros tão elevados.

Outros resultados

- Atlético, 7 — Arroios, 1
- Coruchense, 6 — D. Beja, 2
- Juventude, 1 — Estoril, 0
- Oriental, 2 — Almada, 1
- Serpa, 2 — Montijo, 2

Jogo em atraso: Sacavenense, 3 - Oriental, 2

Classificação

Atlético	40	pontos
Olanhense	31	»
Farense	28	»
Portimonense	27	»
Montijo	26	»
Almada	25	»
Oriental	23	»
Estoril	23	»
Juventude	22	»
Arroios	18	»
F. C. Serpa	17	»
Coruchense	14	»
Desportivo de Beja	14	»
Sacavenense	14	»

jogos para Hoje

Sacavenense-Aroios, Almada-Farense, Beja-Oriental, Montijo-Coruchense, Estoril-Serpa, Olanhense-Juventude e Portimonense-Atlético.

EM PORTIMÃO

Leia o «NOTÍCIAS DO ALGARVE»
no CAFÉ NACIONAL
e na
BARBEARIA DESPORTIVA
(de João Bonito)

ESPAÑA LITERÁRIA

Os Grandes Poetas

Por Manuel Ostos Gabella

Valência — O maior vulto da poesia contemporânea espanhola E. Gutierrez Albelo, é um dos mais acreditados sonetistas que florescem na pátria de Cervantes, tem a graça de Deus nos seus magníficos versos, até agora desconhecidos do grande público português, apesar de já correrem mundo nas páginas literárias dos grandes rotativos.

Hoje, oferecemos aos simpáticos leitores do «Notícias do Algarve» um dos maravilhosos sonetos, com méritos suficientes para enriquecer as páginas da mais exigente Antologia, um soneto de incalculável valor que, pela sua clara escrita e alta qualidade, ocupa um valioso lugar no repertório do seu talentoso autor, soneto, enfim, cuja primeira leitura nos deixou perplexos, por quanto este soneto significa para o engrandecimento das letras espanholas, porque Emetério Gutierrez Albelo é um privilegiado poeta com faculdades e recursos para publicar poemas tão cuidadosamente equilibrados que prespasm pelos limites do belo. Mas, para um melhor conhecimento da sua personalidade poética deixemo-lo ouvir:

OCTUBRE

Cruza a hora las márgenes de octubre, que corre como um rio sosegado. Tal vez la niebla del soñar recumbra esa amargura que en onda se ha trocado.

Tras de la nube rota se descubre

el Sol, igual que um fruto sazo [nado
Y hasta la capa del poniente [cubre
tu desnudez de chopo deshojado.
Avanza sin temor, que alguien te [espera.
Y si ya se mustió la primavera y se apagó la hoguera del verano, vive ésta plenitud; nada es eterno y hacia el mesón tranquilo del invierno el otoño te lleva de la mano.

Só um leve defeito podemos encontrar, na combinação, das quadras manifestadas, o que não priva o soneto do seu justo valor, porque as galas das consoantes se limitam à sua simplicidade de adorno, das que a boa poesia não necessita servir-se para calibrar os seus quilates.

No demais a perfeição é completa, no que na forma e no sentido se refere, sem faltar-lhe a beleza de que os versos sempre necessitam.

E' um soneto «cuerpo entero», como os que, no chamado século de ouro, engalanavam os grandes Mestres que foram glórias da poesia mundial, tais como: Lope de Vega, Calderón de La Barca, Moreto, Rioja e outros.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE»

VENDE-SE EM LEIRIA na Papelaria VITAL

À Indústria de Conservas

Precisa colocação, Serralheiro afinador competente, secção cheio e vazio, com alguns conhecimentos de conserveiro, conhecendo a fabricação do atum e similares.

Dá referências. Mais de 30 anos ao serviço da Indústria de Conservas.

Resposta a este Jornal ao n.º 120

A MARCA QUE PRODUZ OURO



SERVIÇO AGRONÓMICO DO NITRATO DA NORUEGA

Largo de Andaluz, 15 — Telefone: 731869 — LISBOA

REPRESENTANTE:

SOCIEDADE PERMUTADORA, (S. A. R. L.)

Av. da Liberdade, 190 — LISBOA

IMPORTADOR:

S. COMERCIAL DE FERTILIZANTES, (S. A. R. L.)

Rua Augusta, 118 — LISBOA

GRUPO EXCURSIONISTA «OS ARANHAS DO PORTO»

Sede: Bairro Herculano 4.ª Rua C/ 21

PORTO

30-8-1948

Ex.º Sr. Gerente da Pensão Mateus Vila Real de Santo António Ex.º Sr. Senhor

Os nossos cumprimentos Tem esta o fim de vir agradecer a V. Ex.ª, as boas atenções que dispensou ao Grupo Excursionista «Os Aranhas do Porto», a quando da sua estadia em Vila Real de Santo António, bem como todo o tratamento, quer em quartos, quer em refeições com que ficámos inteiramente satisfeitos, não houve o mínimo reparo a fazer e todos estamos muito gratos pela maneira como fomos acolhidos.

Sem outro assunto, enviamos a V. Ex.ª as nossas melhores saudações.

Pela Direcção

O 1.º Secretário

(a) Aniceto de Jesus Nogueira

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

A BEBIDA ELEGANTE A QUALQUER HORA É UM...



PORTO DELAFORCE

Campeonato Nacional da III Divisão

LUSITANO, 7 - U. SAMBRASENSE, 0

EXCELENTE EXIBIÇÃO DO LUSITANO

Quando entrámos no campo «Francisco Gomes Socorro» e deparámos com o rectângulo, acusando os efeitos das fortes chuvas caídas algumas horas antes, receámos ter de assistir a um encontro sem interesse, de quedas e encontros, e de dificuldades para o Lusitano dado o pouco poder físico dos seus elementos.

Afinal, e registamos com prazer, deu-se exactamente o contrário. Não só o Lusitano se adaptou facilmente ao estado do terreno, como praticou um futebol interessante, prático e objectivo, conseguindo uma justíssima e retumbante vitória sobre o S. Brás. Viu-se, especialmente na primeira parte, o Lusitano jogar com consciência, procurando e conseguindo, ser uma equipa a jogar futebol com ligação precisa entre todos os seus elementos.

Pelo Lusitano alinharam: Godinho; Germano, Antunes e Gonçalves; Campos e Padesca; Oliva, Marco, Saura, Torres e Ludgero. O S. Brás alinhou com: Bandeira; Fernandes, Damásio e Gonçalves; Rosa e Abílio; Carmo, Jaruga, Chita, Farrobal e Domingos. Árbitro: Rosendo dos Santos, de Faro.

(ao intervalo, 3-0)

Safu o S. Brás, mas depressa o Lusitano se apoderou do esférico, provocando imediato perigo, quando um remate de Ludgero tocou as malhas da baliza defendida por Bandeira, mas do lado de fora. Resposta rápida dos sambrasenses que fez sobressaltar Godinho, num espectacular falhanço de Antunes que Gonçalves emenda no último momento. Esta jogada foi o despertar do Lusitano, crescendo a equipa de tal forma, que logo começaram as dificuldades para Bandeira. Torres aos 4 minutos viu a trave devolver a bola a um seu remate mal intencionado.

O clube local a jogar num plano bastante promissor, com ascendência forte e insufimável sobre o adversário, conseguiu o seu primeiro golo aos 9 minutos. Germano de posse da bola insiste, e já sobre a linha da grande área centra de forma o que bastou a TORRES um ligeiro toque para atirar a contar. O Sambrasense tenta responder, e consegue mesmo chegar às balizas de Godinho que defende com segurança um remate de Jaruga.

O Lusitano, que estava na verdade a praticar bom futebol, jogando em passes rápidos e conscienciosos, consegue o segundo golo, aos 21 minutos, com um remate de MARCO a passe de Saura. A pressão aumenta ainda mais, mostrando-se o S. Brás impotente para se opor ao futebol que o enleava. Aos 45 minutos SAURA faz o terceiro tento.

Recomeçado o encontro, mais ou menos com as mesmas características, logo no segundo minuto, Ludgero, numa avançada fulgurante finalizada com um excelente centro dá a oportunidade a MARCO em aumentar a vantagem do seu clube fazendo o 4.º golo.

O clube de S. Brás, em algumas e isoladas avançadas, quase todas iniciadas por Jaruga, tentava a sorte do golo, mas a defesa rubra, a jogar em grande plano, tudo destazia. Aos 10 minutos,

Marco, numa formidável avançada em que suportou diversas cargas, conseguiu rematar obtendo o 5.º tento que é confirmado por LUDGERO mandando a bola para o fundo das redes de Bandeira. Quatro minutos depois, «penalty», talvez um pouco forçado, contra o S. Brás que SAURA aproveita para marcar o 6.º golo. Momentos depois, o grupo visitante perdeu a única grande oportunidade quando um remate de Jaruga, sempre ele, é devolvido pela trave.

Ao entrar nos últimos 20 minutos de jogo, o desgaste físico provocado nos jogadores pelo esforço dispendido em terreno lamacento, era notório. Esse desgaste era mais visível no grupo de S. Brás, começando a maioria dos seus elementos a fazer um jogo duro e agressivo. Especialmente Carmo e Chita, este ainda mais do que aquele, corriam o campo à verdadeira «caça ao homem». A três minutos do fim o Lusitano, por intermédio de SAURA, marca o 7.º e último golo.

O Lusitano brindou-nos com uma exibição interessante, com ligação nas jogadas e entendimento constante entre os seus defesas e avançados. Fez um futebol prático, sem virtuosos exagerados, mas que gostaríamos voltar a ver amudadas vezes. Todos os seus atletas foram merecedores dos aplausos que a assistência não regateou. Apenas Oliva esteve sobre o fraco destoando dos seus companheiros. Citaremos Saura, mas apenas para dizer que, quanto a nós, integrou-se verdadeiramente nas suas responsabilidades de jogador e orientador, mexendo-se no terreno, rematando inúmeras vezes, como ainda não o tínhamos visto, e, sobretudo evitando os gestos exagerados e desorientadores, quando tinha de chamar a atenção de algum dos seus pupilos.

O grupo de S. Brás não nos deixou melhor impressão daquela que nos havia deixado na visita anterior. A defesa continua bastante fraca e a linha avançada quase sem poder ofensivo. Individualmente, apenas distinguimos merecidamente Jaruga, incansável do princípio ao fim, construtor e iniciador de todas as avançadas do seu grupo, e, sobretudo, de uma correcção e aprumo dignos de louvor.

A arbitragem aceitável.

Outros resultados

- Despertar, 0 - S. Domingos, 3
- Silves, 5 - Moura, 1
- Louletano, 1 - Aljustrelense, 0

jogos em atraso

- Silves, 4 - Louletano, 0
- Aljustrelense, 1 - Despertar, 0

Classificação

LUSITANO	8	pontos
U. Sambrasense	6	»
Silves	6	»
Louletano	4	»
S. Domingos	3	»
Moura	3	»
Aljustrelense	2	»
Despertar	—	»

jogos para hoje

- Moura — Lusitano
- Sambrasense — Despertar
- S. Domingos — Louletano
- Aljustrelense — Silves

● O «ORFEU E EURIDICE», DE GLUCK NO TEATRO DE S. CARLOS

LISBOA, Fevereiro — Com a linda sala completamente cheia — e vai ser assim durante toda a temporada lírica, pois só as assinaturas esgotaram, praticamente, a lotação — cantou-se, em São Carlos, o «Orfeu e Euridice», de Gluck. Grande compositor do Século XVIII, Gluck foi, como todos sabem, o reformador da ópera antiga, que, na maior parte dos casos, não passava de pretexto para os cantores mostrarem os floreios que podiam executar com a sua voz. Embora muitos o julguem austriaco pela sua grande amizade com Maria Antonieta, Gluck é alemão de nascença e, durante alguns anos, cantou e tocou em muitas igrejas de vilas e de cidades da província. Pela sua educação, Gluck é, porém, considerado italiano, pois foi ali que mais estudou e em Milão compôs mesmo uma grande parte da sua obra. Mas na verdade ele pode ser considerado como um dos clássicos franceses, porque foi em Paris que mais combateu contra a ópera antiga e foi na França que criou o mais representativo da sua obra, alinhando com a corrente que opunha a declamação lírica francesa à exagerada vocalização italiana.

«Orfeu e Euridice», ou simplesmente «Orfeu», é uma tragédia grega apenas com quatro personagens: Orfeu, Euridice, o Amor e o corno, que na tragédia grega é sempre o personagem com melhor papel. A história é muito simples. Euridice morre e Orfeu — senhor dos dons maravilhosos da música, da poesia e da narrativa — chora e canta a sua dor tão maravilhosamente que o deus Amor, enternecido pela fidelidade à esposa perdida, resolve dar vida a esta, mas com duas condições. A primeira é ir Orfeu ao Inferno — tentar acalmar as Fúrias com a beleza do seu canto — e penetrar nos Campos Elisios, lugar onde estão as sombras felizes. Se o conseguir, poderá trazer consigo a amada. A segunda condição, a mais dura, é de que trará Euridice até ao reino dos vivos sem nunca a olhar. Orfeu submeteu-se. Com o seu canto seduz as Fúrias, entra no reino das sombras felizes e traz a esposa.

Começa, então, outro drama, o drama, do homem que ama apaixonadamente uma mulher, que lhe ouve as queixas, as lágrimas, os suspiros de entontecer — e não a pode olhar. Por fim, suspirando de que o homem que a conduz não seja Orfeu, Euridice recusa-se a acompanhá-lo, se ele não a quiser ver. Orfeu não resiste, mas, imediatamente, a perde. Euridice cai morta a seus pés. Orfeu canta, em estrofes sentidas, a sua renovada dor, acusa-se da culpa de a ter perdido mais uma vez e resolve matar-se. O Amor, porém, vale-lhe e

entrega-lhe viva a formosa e suave Euridice.

E' difficilimo o papel de Orfeu. Escrito para a voz de contralto, raramente é cantado por homens. Encarregou-se, agora, dele Rita Gorr, senhora de uma lindíssima voz. Cantou e representou a sua parte maravilhosamente. Estamos assistindo a um caso curioso na ópera. Regra geral — e na verdade com poucas excepções — as cantoras representaram muito melhor do que os homens. Nas cenas mimadas, Rita Gorr consegue, por vezes, levar o público a aplaudir-la com delirio, em cena aberta. Theresa Stich-Randall também cantou muito bem a sua parte de Euridice. O Amor foi graciosamente interpretado por Lisa Otto, com uma linda voz e uma articulação perfeitíssima do francês. Não se perdeu uma palavra.

Os cores, dirigidos por Pelegrini e Pasquali, estiveram muito bons. Também os bailados — importantíssimo na ópera — já satisfizeram. Gostámos mais das Fúrias do que das sombras felizes. Não será, é certo, a perfeição, mas que distância enorme entre este grupo do Verde-Gaio e aquelas alunas, principiantes do Conservatório, que a professora Encarnação Fernandez, a troco de esforços enormes, conseguia ensaiar aqui há uns vinte e cinco anos, para a temporada de ópera. E daqui a outros vinte melhor será, pois se estarão já colhendo os frutos da experiência dos «ratinhos» portugueses, que, segundo me dizem, aprendem na escola de «ballet» do S. Carlos.

Com tudo isto, o «Orfeu» foi, sem dúvida, um daqueles espectáculos que ficam marcados com uma pedrinha doirada na história de oiro do nosso teatro de ópera.

Noémia Gil Faria

No Centenário DO INFANTE D. HENRIQUE

(Conclusão da 1.ª página)

preendido a sua viagem. Esses homens representam uma geração de alto valor, para eles converge a plenitude da valia de uma população. A eles, antes do que a qualquer outros, se deve, orgulhosa e patrioticamente, lembrar.

Por isso se fixa a oportunidade de lhes prestar homenagem a Nação. Nos Açores, na Ilha Terceira, talvez mesmo junto ao vasto campo onde agora poissam as aeronaves, é o lugar para saldar a dívida que os portugueses contraíram para com a memória gloriosa desses portugueses de antanho.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM TODO O ALGARVE

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

MISCELÂNEA

A BONDADE não deve mostrar-se, mas deve deixar-se ver. — Platão.

NÃO é sobre o pergaminho, mas dentro da alma, que se devem imprimir os títulos de nobreza. — Delille.

ENTÃO aquele casamento foi um caso de amor à primeira vista?

— Não, à segunda vista. A primeira vez que ele a viu, não sabia que ela tinha fortuna.

A CÔR do luto na Síria, é o azul-celeste; significa a côr do céu, que é o lugar de eterno descanso.

DEVE viver-se conforme se pode, se não se pode viver conforme se quer. — Gracian.

SE se conservar uma flôr azul num ninho de formigas durante cerca de um minuto, tornar-se-á provavelmente côr de rosa.

GASTEI dez anos com este quadro.

— Parece-me tempo demasiado para pintar um quadro!

Ah! Pintei em dez dias... o resto do tempo foi a tentar vendê-lo.

EXISTE, uma cobra nas florestas do Brasil, a musurama, que se torna útil porque mata e devora as serpentes venenosas.

A TEMPERATURA do filamento de uma lâmpada incandescente, vulgar, atinge ao ser aceso, cerca de 1.600 graus centígrados.

OS homens estudam a mulher, do mesmo modo que observam o barómetro; mas não a compreendem senão no dia seguinte. — Carmen Sylva.

NUM exame de adultos um dos vogais pergunta a um dos candidatos se ele sabe quem é o actual chefe do Estado.

Perplexidade do homem. Não era das suas relações.

Então o vogal diz para esquivar a memória: E' o sr. Contra...

E o homem muito depressa: Não... não... Contra era o outro...

A ENTREVISTA DA SEMANA

(Conclusão da 1.ª página)

tholo, Lurdes Castro, Tereza de Sousa, Eduardo Luís, António Quadros, D'Assunção, Costa Pinto, Júlio Rezende, Artur Bual, Jorge de Oliveira, Fernando Lenhas, António Charrua, Valdemar da Costa, Hansi Stael e António Areal são eles. E ao dizer os seus nomes faço-o à medida que me surgem à memória. Júlio Rezende, já porque é um prémio da II Bienal de São Paulo, já por ser um consagrado com diversos prémios e ainda pela sua categoria de professor de Belas Artes, estaria bem à cabeça do grupo, se houvesse a intenção de ordenar os nomes pelo valor de cada artista. Aliás, seria difícil distinguir, com segurança e precisão, o valor relativo de uns e de outros. Trata-se todos eles de valores mais ou menos feitos e é quanto basta. Alguns obtiveram já prémios significativos, tendo Tereza de Sousa, Rezende e Areal ganho prémios da Fundação Gulbenkian, em gravura, pintura e desenho respectivamente, enquanto outros, por altura da exposição de San Francisco, estarão já a beneficiar de bolsas de estudo, também da «Gulbenkian», Siqueira, René Bartholo, Lurdes Castro, Eduardo Luís e António Quadros.

— Quando se effectua a exposição?

— Estará preparada de modo a ser aberta em Abril e peço-lhe para acentuar que, para todos nós, se transforma em grande expectativa a possibilidade de passar de San Francisco a outros centros cultos norte-americanos os nossos artistas modernos.

— E parece-lhe que a representação, assim seleccionada, vingará?

— Bem vê, os artistas escolhidos têm os seus créditos e um lugar. De uns já dei nota bastante elucidativa. Outros falam por si e pelas exposições realizadas. Fernando Lenhas, arquitecto, é o primeiro pintor abstracto que surge no panorama português; Eduardo Luís é prémio da «Jovem Pintura Portuguesa» e Hansi Stael, que apesar de dinamurgica, é uma artista de formação portuguesa, bem como Areal e Tereza de Sousa, são nomes que continuam firmes e afirmados. O mesmo se diga de Candido da Costa Pinto.

— E' condigna portanto a re-

presentação que vai a San Francisco?

— Este grupo representa perfeita e condignamente a arte portuguesa moderna no quadro da pintura, gravura de desenho. Estamos certos que as suas obras se encontram colocadas num nível tal de modernidade que despertarão verdadeiro interesse nos Estados Unidos, onde, nestes domínios, Portugal é desconhecido completamente ou pouco menos.

— Como crítico de Arte, qual é o conceito em que tem a acção do Secretariado Nacional da Informação?

— Esta exposição vem coincidir com um plano que determinou o SNI a realizar exposições de arte portuguesa no Estrangeiro. Dentro desse plano, figuram, além da exposição de San Francisco, uma em Madrid, onde somos desconhecidos, a representação na Bienal de São Paulo, e ainda outras exposições, em Londres e em Paris, esta no Museu de Arte Moderna, a convite do Clube Internacional Feminino. Em contrapartida, o SNI realizará também exposições, em Portugal. Ou melhor continuá-la-á. A exposição «Dez anos de pintura italiana» seguiu-se a de escultura de Henri Moore, e vão também realizar-se outras, entre elas a dos Mosaicos de Ravena e a de Arte Moderna Espanhola, para já não falar das contínuas exposições de artistas portugueses, que se sucedem umas às outras. Não devo deixar de realçar as «Retrospectivas» de Mário Eloi e de Armando Basto, pois serviram de informação viva, de valor único.

E logo acentua Selléas Paes:

— O Secretariado desenvolve, efectivamente, uma acção digna de estima. Prémios como os de 15 contos — quantitativo semelhante em valor pecuniário aos mais altos da Bienal de São Paulo — representam não um incentivo mas alta compensação, uma vez que, comparativamente, em São Paulo a disputa se faz entre 5.000 concorrentes e os prémios do SNI são destinados ao sector português tão somente, sector aberto, aliás, a todas as correntes, a quem quer que seja artista.

— Está, então, confiante, no êxito da exposição em San Francisco?

— Sem dúvida — remata Selléas Paes e assim se rematou, também, a entrevista.

João Afonso

Assinal e propague «Noticias do Algarve»

TURISMO NO ALGARVE

(Conclusão da 1.ª página)

é o mais alto e imorredouro marco que assinala a presença de Portugal no mundo e está abandonado; as Caldas de Monchique foram prendadas pela Natureza com uma maravilha de vegetação e pela acção nefasta dos homens fez num monte de escumbros; a Praia da Rocha é uma sinfonia de beleza que se assemelha a uma ilusão desfeita.

Mas o Algarve não é só isto: é Lagos com a sua larga baía e a janela onde D. Sebastião falou às tropas de Alcácer-Quibir; é Portimão e a sua actividade pleiteórica de juventude; é Silves, a princesa sarracena com, os seus opulentos arredores e o seu esculpido de monumentos históricos; é Loulé, a trabalhadora e incansável e operosa; é Faro com o largo panorama de Santo António do Alto e a quietude da sua ria; é Olhão, das açoteias mouriscas, com o redemoinhar inquieto das suas ruelas; é Tavira a bela adormecida, salpicada de igrejas e com o rio a dividi-la lembrando Veneza; é Vila Real de Santo António, menina de dois séculos, com as suas ruínas amplas e Monte Gordo a 4 quilómetros, onde o mar é um lago sem memória de um desastre; é Castro Marim com o seu castelo bem conservado e cingida de muralhas em ruínas que recordam e atestam a presidente sabedoria e visão de el-rei D. Dinis.

O Algarve é tudo isto: — serra a dusta, jardim cultivado, mar azul sem névoas e um Sol esplendoroso que é uma dávida generosa de Deus.

E para aproveitar tanta beleza que pode produzir oiro, oiro que seja abundância, o que tem feito o Algarve e o que têm feito por ele?

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques. Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis. Moreira & Silva, Lda. Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

Os Bailes de Paris

(Conclusão da 1.ª página)

destinado ao natural descanso é só o indispensável.

A mulher, e refiro-me não só à das classes mais modestas mas ainda à que se usa chamar média, tem de acompanhar o marido no tráfego e os filhos ficam entregues ao deus-dará, às enxurradas da rua que os conduzem para todos os lameiros.

São curtos os contactos íntimos entre pais e filhos, aqueles em que se pode exercer a verdadeira educação, modelação de corpos e almas, de preferência para estas. E para suprir essa ausência, para compensar as crianças deste forçado afastamento, os pais não curam de saber as suas reais necessidades, de a elas acudir e de as orientar ou corrigir, vigiando-as. Entregam-se a mimalhices que sem verdadeiramente as beneficiar ainda mais as estragam.

São como que um aplauso ou incitamento às suas tendências livres. Eu ouvi uma vez uma criança dizer: — «Diverti-me ontem muito, (era domingo). Apanhei uma bebedeira com o meu pai». Era para a recompensar do abandono da semana.

As altas classes se lhes não escasseiam meios de vida que as apouquem, entregam-se a frivolidades, especialmente as senhoras, e com elas ocupam o seu tempo.

São as canastas, os chás de caridade, as passagens de modelos, a cabeleireira, a modista, etc., etc., uma vacuidade enchendo uma vida.

E a vida é mais alguma coisa. Pode ser bela se a sobermos fazer frutificar e os seus frutos não se limitam só a ser vistosos mas ocos.

Para que servem as criadas? pergunta-se nesta roda. Ignorantes, primitivas, interessadas em que o marfim corra, são elas as

educadoras das crianças desta classe.

Conheço aquele caso de uma senhora que sendo visitada por uma amiga lhe quis apresentar a filha mais nova. Chamou o criada para que lhe trouxesse e a criança mal viu a mãe exclamou: — «Mamá! Mamá!» E a reacção da parte desta foi — «Olha, a minha filha já sabe falar!»

Aquilo porque todas as mães anseiam, ver os lábios dos seus pequeninos descerrarem-se para articular as primeiras palavras, essa música divina, ignorava-a ela e só por acaso a conheceu.

Cumpra aos responsáveis fazer todos os possíveis para modificar as condições de vida de modo que os pais e principalmente as mães — essas singulares e excelentes educadoras — possam atender a seus filhos orientando-os e corrigindo-os no sentido de uma educação séria, sadia, sem liberdades excessivas que são no fundo verdadeiras negações.

Se as meninas que ornamentavam e excitavam os bailes de Paris fossem devidamente vigiadas, iriam regalar os velhos eróticos?

Temos de dizer aos pais que dediquem a seus filhos o tempo que lhes for possível e que educar não é abandoná-los aos seus naturais desvarios, amimalhá-los e não tolerar que alguns — os professores — os conduzam com mão firme por caminhos seguros.

Têm de se convencer que os mercenários não podem educar. O sentido da educação não se compra nem se paga. O interesse esmaga-o.

As coisas belas são as que menos se vendem.

A continuar como vai fica de pé a pergunta: — O que sabem os pais de seus filhos, e, especialmente, de suas filhas?

Anacleto Pires

Visado pela Comissão de Censura

FIGURAS AMIGAS

(Conclusão da 1.ª página)

doutrinação, o seu modo de ser animal e espiritual...

Afirmou-mo, a sós comigo, que não defendia uma religião e sim uma ciência!

Deu-me vontade de rir. Não o fiz, porém, devido a dois elementares deveres: respeito a uma senhora e tolerância ao seu fanatismo...

A plateia estava meia e o cinema alegre com aquela gente nova e curiosa.

Apresentei a conferente em termos prudentes e serenos, explicando o assunto em causa, e recomendando aos ouvintes o respeito que se deve a uma senhora, mesmo não concordando com as opiniões de ela...

Recebida com uma salva de palmas, divagou pela doutrina espiritual com facilidade e conhecimento de causa, mas a colheita de adeptos foi reduzida...

Enfim, a pensadora cumpriu o seu dever e o livre-pensador também. Os princípios foram acatados de parte a parte, dentro da liberdade e da latitude de expressão. Ela ficou com a sua ciência e eu ainda conservei a minha...

De Lisboa escreveu-me cartas a tentar convencer-me da sua ciência; eu respondi-lhe que não se tratava de uma ciência, mas de uma religião como tantas outras...

A última carta da capital, dava-me conta da sua ida ao Brasil, a fim de reanimar os núcleos dispersos pelos diferentes Estados. Partiu e continuou a escrever-me pontualmente. Cartas e novas dos seus triunfos colhidos. Passaram meses. Tornei-me inquieto pela falta das suas interessantes missivas.

Certo dia deparei com um seu primo que morava em Portimão. Perguntei pela D. Maria. Respondeu-me, contristado, que falecera no Rio de Janeiro, no dia do embarque para Lisboa.

Penalizou-se bastante a amarga notícia da sua morte.

Lá vão na curva do espaço duas dezenas de anos e na curva do coração mais um espinho agudo...

Lembrei-me hoje de ela e de outras almas de mulher que não esquecerei enquanto viver.

Folhei há poucos minutos dois romances seus: «A Vibora» e o «Amor Tudo Consegue», ambos tratam do decantado Espiritismo com a apaixonada insistência. A sua oratória valia mais que a sua prosa e o seu verso falho de naturalidade.

Na «Mora», jornal dirigido por dois oficiais do Exército e partidários das almas penadas que por cá vaguem, travámos — eu e D. Maria O'Neil — uma contenda animada e respeitosa, que jamais olvidei. Segue um dos meus sonetos que fez parte do saudoso prélio poético:

Ponto Espiritual

Cá me tem outra vez, Dona Maria, A burilar sonetos decadentes.

Estrofes mal cuidadas e plan-gentes, Sem ressaibos sequer de poesia.

Também o Sol ao ver-se na agonia

Adoça as lindas cores refulgentes; Em toda a Natureza há reincidentes,

Contradições bizarras, de harmónias...

Por muito sabedor que o génio

Quem pode conseguir dentro dum berço Interrogar a alminha se viceja?

Ninguém! E todavia anda disperso O anelo de transpor — débil narceja — Os enigmas sagrados do Universo!

Marcos Algarve

LÃS PARA TRICOT
A CASA QUE MAIOR SORTIDO
APRESENTA
Qualidades Estrangeiras — Lindas Cores
Só visto! Peçam Amostras
Rua Augusta, 240 - 2.º Dt.º — LISBOA